

Língua Portuguesa na China Um investimento no futuro

Pág. 2/3



O IPOR
e a língua
portuguesa
em Macau

Pág. 3

Património
de origem
portuguesa
em Macau

Pág. 4

Diretor do
Centro Cultural
Português
agraciado em
Cabo Verde

Pág. 4

Senegal
Alunos de
Português
ganham
prémios

Pág. 4

Luanda
Cartoon

Pág. 4

Língua portuguesa na China

Investir no futuro

O ensino da língua portuguesa (LP) na China está em expansão. Há até mesmo quem fale numa ‘explosão’. Um milhar de alunos cursa licenciaturas de LP nas universidades chinesas, a que há que somar 3.726 estudantes em 2010/2011 nos cursos gerais ou para fins específicos ministrados pelo IPOR (Instituto Português do Oriente), sediado na Região Administrativa Especial de Macau.

Se atendermos à vastidão continental do país, que congrega um quinto da humanidade, os números, que têm vindo a aumentar, são ainda modestos. O que parece querer dizer que há muito campo para crescer, tanto mais que o principal fator que propiciou essa ‘explosão’ – o desenvolvimento imparável das relações económicas entre a China e os países de língua portuguesa, segundo a opinião unânime de responsáveis culturais e leitores portugueses no país – continua ativo.

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa cifraram-se em 91,42 mil milhões de dólares em 2010. Em 2003, rondavam uns meros 5 mil milhões. Este ano, entre janeiro e maio cresceram mais 31,19% em relação a igual período de 2010, mostrando que está para durar o dinamismo deste comércio – em

que as trocas entre China, Brasil e Angola representam a ‘parte de leão’ e em que os investimentos cruzados são muito significativos.

O ponto de viragem no interesse dos chineses pela aprendizagem da LP parece ter-se situado em 2005. Até esse ano, existiam 4 cursos de LP em universidades chinesas, apenas um criado este século e os três restantes nos anos 60 e 70 do século XX, segundo dados da secção cultural da Embaixada de Portugal citados pela revista *Macau*. De entanto para cá, na China continental – o que exclui Hong Kong e Macau – surgiram mais 10 cursos superiores de LP e, segundo João Barroso, diretor da referida secção cultural, «para o próximo ano letivo vamos ter mais uma ou duas universidades com licenciaturas em Português Língua Estrangeira (PLE)».

Pensar-se-ia que este ensino orientado pelas necessidades do mercado exigiria às universidades chinesas cursos de LP para fins específicos, nomeadamente na área do direito e da gestão. Existem em Macau, no âmbito do IPOR, cursos não universitários com essas características, mas na China continental, o que existe são cursos gerais, indica João Barroso.

Liliana Gonçalves, leitora na Universidade de Comunicação de

Pequim, explica que o caráter geral dos cursos de PLE resulta de ser «apenas na universidade que os alunos chineses começam a estudar LP». «Por isso, geralmente, os cursos não têm fins específicos». Na Universidade de Hong Kong, em que a LP constitui um bacharelato e aparece integrada numa licenciatura de Estudos Europeus, em 2010–2011 «foram oferecidas, pela primeira vez, uma discipli-



Evento Cultural Universidade de Comunicação de Pequim

International Studies University). Estas três universidades são aquelas que há mais tempo ensinam a LP na China – desde 1960, 1961 e 1977, respectivamente, segundo dados citados pela revista *Macau*, representando os leitores do IC cerca de um terço do milhar de alunos de PLE existentes na China, segundo João Barroso. Um quarto posto do IC existe na Universidade de Hong Kong, inserida naquela Região Administrativa Especial.

Para além do IC, outras entidades têm promovido o ensino do PLE na China. Entre elas, figura o Instituto Camões (IC) tem três leitores: dois em Pequim – um na CCU (*China Communication University*) e outro na BFSU (*Beijing Foreign Studies University*) – e um em Xangai – na SISU (*Shanghai*

Liaoning Concusus

Há ainda programas de cooperação e protocolos entre universidades chinesas e entidades de países da CPLP, não só no domínio do PLE, mas também noutras áreas, de que o ISCTE – que oferece doutoramentos e mestrados na China – é o exemplo citado por João Barroso.

Segundo Filipa Teles «grande parte dos académicos chineses reconhece a qualidade da coopera-

Passaporte para um emprego bem remunerado

O interesse que os jovens chineses mostram pelo português resulta sobretudo do facto de o idioma «oferecer hoje saídas a nível laboral na China que outras línguas não oferecem, porque continua a haver uma escassez de luso falantes/intérpretes», diz João Barroso, responsável pela secção cultural da Embaixada de Portugal em Pequim.

Liliana Gonçalves, leitora do Instituto Camões (IC) na Universidade de Comunicação (CCU), em Pequim, rotula esta motivação para aprender a LP como «instrumental». «Os pais dos estudantes sabem que uma licenciatura em LP na China poderá corresponder a um bom emprego, estabilidade profissional e, consequentemente, a um certo estatuto social».

Já Filipa Teles, leitora na Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (SISU),



Xangai
coloca a questão num quadro mais amplo: «Uma parte significativa dos jovens chineses quer adotar um

modo de vida ocidental e consumir produtos ocidentais, pelo que um dos seus grandes objetivos é ter um bom salário para obter estatuto e prestígio social». A aprendizagem da LP, que os jovens estudam com zelo, segundo diz, cria oportunidades e aumenta a sua competitividade no mercado de trabalho.

Ao dominarem a língua portuguesa, têm oportunidade de trabalhar em África e no Brasil e mesmo em Macau, «com melhores condições do que as que são oferecidas na China», explica o responsável cultural português em Pequim. «Um tradutor/intérprete que consiga colocação em Angola, por exemplo, chega a receber salários de 2.300 dólares mensais, com todas as demais despesas pagas», exemplifica.

Filipa Teles fala numa «empregabilidade rápida» dos licenciados de Xangai. Se alguns «seguem a via do ensino do Português», «a maioria arranja empregos em empresas em que sejam necessários contactos em LP», trabalhando como tradutores e intérpretes.

Ilustrando as ‘saídas profissionais’ dos seus ex-alunos, Liliana Gonçalves, há cinco anos

na China, diz que muitos deles trabalham em ministérios (Negócios Estrangeiros, Comércio), sendo, por isso, enviados para as embaixadas da China nos países lusófonos. Há também ex-estudantes a trabalhar em empresas chinesas com negócios em Angola e Brasil e uma pequena percentagem leciona LP em universidades.

«Estes empregos geralmente são estáveis e permitem algumas regalias», diz a leitora de Pequim, que evoca outras motivações para estudar português. Há alunos que durante os 4 anos da licenciatura de LP na CCU «descobrem um ‘novo mundo’, que passa não só pela língua, mas também, e fundamentalmente, pelas culturas lusófonas, muito diferentes daquela em que vivem».

Em Hong Kong, que goza do estatuto de Região Administrativa Especial, à semelhança de Macau, as motivações são um pouco diferentes. Dora de Almeida, leitora do IC na Universidade de Hong Kong diz que o português é escolhido por ser uma «língua de comunicação internacional que é usada por um grande número de falantes em quatro continentes». Mas também «há estudantes com

Admissões anuais em Xangai

Durante anos, a licenciatura de Língua e Cultura Portuguesa na Universidade de Estudos Internacionais de Xangai (SISU), tal como outras licenciaturas de línguas estrangeiras, de que são exemplo o grego e o sueco, não admitia alunos todos os anos, conta Filipa Teles, leitora do IC neste estabelecimento de ensino.

Mas a partir do ano escolar que agora termina, a situação do português mudou. Todos os anos vão passar a ser aceites alunos naquela licenciatura, revela Filipa Teles, que iniciou as suas funções docentes em Xangai em fevereiro passado. Em 2010/11, a turma do 1º ano tinha 27 alunos, num total de 85 alunos nos diferentes níveis.

«Este é um dado palpável que atesta o crescimento do interesse pelo estudo da LP em Xangai», considera a leitora do IC, chamando a atenção para o facto de as licenciaturas em grego e sueco continuarem a admitir alunos apenas em determinados anos letivos.

ção com Portugal na área do ensino e da aprendizagem do Português, que pretendem manter e aprofundar». Trabalham também com outros países de língua portuguesa, «verdadeiros alvos da cooperação económica que a aprendizagem do Português potencia».

O ensino da LP não está limitado ao mundo das instituições universitárias. A própria secção cultural da Embaixada de Portugal em Pequim «oferece cursos de iniciação e intermédios, quando há interesse, mas o espaço de que dispõe é limitado e o número de alunos em geral reduzido», diz João Barroso, que refere a existência de uma escola de línguas aberta por um português, em Pequim, que ensina inglês a chineses, mas que também tem na sua oferta o português. João Barroso sublinha existirem na China «vários cursos privados, ou de iniciação, intermédios, etc., nem sempre fáceis de identificar».

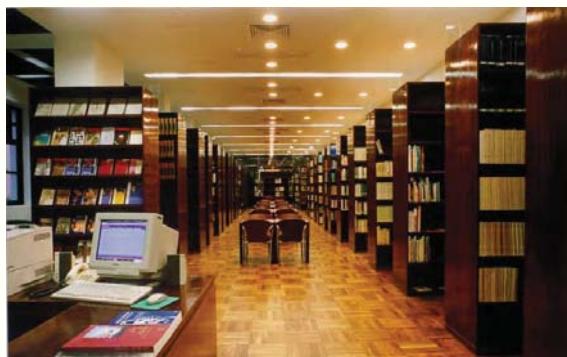
Face à vastidão da procura potencial do ensino da língua portuguesa, João Barroso enumera com clareza as questões que, em seu entender, há que resolver para garantir o futuro: a existência de mais professores chineses qualificados e de materiais didáticos específicos para a China, a formação e reciclagem de docentes, de preferência localmente, por entidades portuguesas, a presença de mais professores estrangeiros, a exploração do mercado chinês por parte de instituições e universidades portuguesas no domínio do PLE «não só» e a definição de uma estratégia da comunidade da CPLP «em termos de potencial do PLE».

laços familiares em Macau que acham que o português lhes poderá servir», se forem para aí trabalhar em setores como a banca, as finanças, o comércio internacional e o turismo.

Filipa Teles considera que a sociedade chinesa está mais aberta relativamente à escolha de cursos pelos jovens chineses: «Atualmente, têm a possibilidade de escolher o curso que pretendem tirar e são aí colocados em primeira opção. Cada vez mais alunos, em Xangai, escolhem o português como primeira opção».

Há cerca de 30 anos na China, João Barroso afirma que as universidades «têm interesse em abrir cursos de línguas em todos os idiomas, por questões políticas e de relações públicas/promoção da sua imagem». O papel do governo central chinês já não é o mesmo de outrora. Orienta, supervisiona e autoriza, mas «já não decide» quais os cursos a abrir. Isso cabe às universidades, que «têm hoje uma autonomia considerável», refere o conselheiro cultural. «As licenciaturas são iniciativa das universidades e os fundos e recursos financeiros são também das universidades», conclui.

Língua portuguesa em Macau Auge da procura no próximo triénio



De pouco mais de 600 alunos, em 2000/2001, para mais de 3.700 alunos, em 2010/2011, esta foi a evolução da frequência dos diversos cursos de português, gerais e especializados, ministrados em Macau pelo Instituto Português do Oriente (IPOR).

A evolução está em linha com a «vocação prioritária» do IPOR de, segundo o seu diretor, Rui Rocha, providenciar o ensino extracurricular do Português enquanto «língua oficial consagrada na Lei Básica da RAEM (Região Administrativa Especial de Macau)».

Este papel leva o IPOR a ser a entidade que «ensina Português Língua Estrangeira [PLE] aos funcionários públicos» da Região, «mas também a uma larga faixa de cidadãos da comunidade de Macau».

O diretor do IPOR diz que «há uma clara vontade política para que a língua portuguesa consolide o seu estatuto de segunda língua oficial de Macau». As razões, adianta, são diversas, começando pela manutenção do ordenamento jurídico da Região, cuja matriz se exprime em língua portuguesa.

Outra razão prende-se com a «importância da língua portuguesa como vetor de projeção estratégica das relações de Macau e da China com os países lusófonos, que tem sido claramente apoiada pelo governo central da China, até como operação de aproximação aos mercados dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)».

Não admira que «a utilidade económica da língua» seja «prevalente na opção de aprender português», segundo afirma o diretor do IPOR. «Saber-se português continua e continuará a ser

uma mais-valia em Macau para as profissões ligadas ao Direito, à Administração Pública (ainda hoje o regime jurídico da função pública trabalha com cerca de 3.500 conceitos jurídicos do direito administrativo português) e para profissões de intérprete/tradutor», especifica. «Tais profissões continuam atrativas em termos remuneratórios no panorama laboral de Macau» e não só. «Hoje em dia encontrar-se um profissional bilingue português-chinês no mercado de trabalho em Cantão, em Pequim ou em Xangai é uma raridade», diz o diretor do IPOR, que cita o que lhe disse o vice-presidente de uma universidade de línguas estrangeiras em Cantão: «entre um aluno licenciado em Estudos Ingleses e um aluno licenciado em Estudos Portugueses, o mercado de trabalho pagará sempre um salário mais elevado em mil renminbi (cerca de 460€) ou mais» para o segundo.

Falando das saídas profissionais menos ortodoxas, é sabido que alguns licenciados em Estudos Portugueses de Xangai têm obtido emprego como intérpretes/tradutores em clubes de futebol, por causa dos jogadores brasileiros que, cada vez em maior número, integram as equipas do campeonato chinês, conta Rui Rocha.

Por tudo isto, o panorama para LP em Macau parece apresentar-se risonho. «A procura da comunidade de Macau pela aprendizagem da LP estará talvez a atingir o seu auge nos próximos 3, 4 anos, ou talvez mesmo mais», considera o diretor do IPOR, que acrescenta: «o governo central da China e o governo da RAEM, pelas suas insistentes declarações públicas sobre a importância da língua portuguesa, têm sido decisivos promotores da língua portuguesa».

O que é o IPOR?



• O Instituto Português do Oriente (IPOR) é uma instituição portuguesa concebida pela Fundação Oriente, tendo como associados também o Governo de Macau e o Estado Português, através do ICALP, em 1989.

• Em dezembro de 1999 são alterados os estatutos do IPOR. A composição associativa passa a ser a seguinte: os associados fundadores detêm uma participação associativa majoritária de 95% (Estado Português, representado pelo Instituto Camões com 51% e Fundação Oriente com 44%); os associados ordinários (Banco Comercial de Macau, Banco Espírito Santo; Banco Nacional Ultramarino, CESL Ásia, EDP, HOVIONE, PT e Sociedade de Turismo e Diversões de Macau) detêm uma participação associativa de 5%.

• Em maio de 2009, consigna-se, nos Estatutos, a vocação prioritária do IPOR de promover o ensino da língua portuguesa, enquanto língua oficial consagrada na Lei Básica da RAEM, assegurando o seu ensino não curricular como língua de trabalho em articulação com instituições representativas das atividades profissionais de Macau; a constituição de uma rede de contactos com as entidades representativas do sistema de ensino da RAEM, com vista a interagir com as mesmas, no sentido de melhor promover o ensino do Português Língua Segunda ou Língua Estrangeira; o desenvolvimento de programas de formação científica e técnica de professores de Português de língua não materna em estreita colaboração com as instituições de ensino da RAEM, bem como a produção de materiais didáticos sobre a língua portuguesa adaptados às matrizes linguísticas chinesas.

• A ação cultural é também uma vertente complementar da ação de difusão da língua portuguesa no IPOR, cuja articulação com o ensino da língua portuguesa é necessária e desejável.

• O IPOR é proprietário da Livraria Portuguesa cuja missão nuclear é a de promover, divulgar e comercializar as iniciativas editoriais redigidas em língua portuguesa, mas também iniciativas editoriais redigidas nas línguas chinesa e inglesa, de algum modo relacionada com a língua e cultura portuguesas.

Os números

• Para além dos cursos gerais de língua portuguesa (Curso Geral de Português Língua Estrangeira

[PLE] – 1.749 alunos em dois semestres em 2010/2011- e Curso de Aperfeiçoamento – 56 alunos nos mesmos períodos), o IPOR tem a seu cargo um Programa de Aperfeiçoamento de Língua Portuguesa na Área Jurídica para o Centro de Formação Jurídica e Judiciária (38 alunos em 2010/2011), a lecionação da disciplina de Português no Instituto de Formação Turística (499 alunos), os cursos de Português específico das Forças de Segurança de Macau (1.309 alunos) e a lecionação da disciplina de Português em 3 escolas chinesas (75 alunos).

O Curso Geral de PLE tem 10 níveis, correspondentes a 5 anos letivos e está estruturado de acordo com o QECR (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas). Os alunos provém, quer da função pública quer do setor privado de Macau, segundo Rui Rocha.

No próximo ano letivo, o IPOR, adianta o seu diretor, contará com mais cerca de 240 alunos. Irão também abrir turmas de PLE para crianças e jovens entre os 6 e os 15 anos de idade, «grande parte proveniente de famílias de cidadania portuguesa mas que optaram por integrar os seus filhos em escolas internacionais».

«Macau possui cerca de 150 mil cidadãos etnicamente chineses, de nacionalidade portuguesa de pleno direito, que não falam, não leem e não escrevem português», explica Rui Rocha. «É um universo vasto a captar para a aprendizagem do PLE», junto dos quais o IPOR, com o apoio Consulado-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong, «tem promovido uma campanha ‘agressiva’».

Livraria Portuguesa



• Desde que foi concessionada a 1 de abril à Praia Grande Edições, a Livraria Portuguesa de Macau tem tido uma atividade «bastante dinâmica e inovadora», na expressão de Rui Rocha, diretor do IPOR, entidade proprietária do espaço.

«A articulação da concessionária com o IPOR tem sido excelente», sublinha Rui Rocha. Em 2012, o plano de atividades do Instituto deverá refletir «uma nova filosofia de articulação com a Livraria Portuguesa, a qual, de resto, deu já os seus os primeiros passos» este ano.

Nos 4 meses de existência da concessão, a Livraria Portuguesa acolheu e promoveu inúmeros eventos ligados à cultura portuguesa e à lusofonia – exposições, teatro, música –, quer de sua iniciativa exclusiva quer em parceria com

Senegal Alunos de Português ganham prémios

CA língua portuguesa ganhou quatro distinções no chamado *Concours General* de 2011 destinado a estudantes dos liceus do Senegal na classe *Première*.

Um primeiro prémio, um segundo prémio e dois *accessit* foram entregues no Grande Teatro Nacional de Dacar a estudantes de língua portuguesa, respetivamente, pelo Presidente da República, Abdoulaye Wade, pelo primeiro-ministro Souleymane Ndéné Ndiaye, e por membros do governo.

Os alunos premiados são estudantes do Liceu Seydina Limamoulye e do Liceu Diourbel.

O primeiro é um dos estabelecimentos de ensino mais importantes de Dacar, com uma frequência de cerca de 5.000 alunos, onde a língua portuguesa está bem implantada.

O segundo situa-se numa cidade do interior do país, Dourbel, e tem como curiosidade o facto da língua portuguesa ter sido a única disciplina em que os alunos deste liceu foram contemplados e de o prémio ter sido ganho por uma rapariga. Este prémio ilustra também a expansão crescente do ensino da língua portuguesa no Senegal, que não se limita às grandes cidades.



Luanda Cartoon internacionaliza-se

COs portugueses João Amaral e João Mascarenhas participaram pela segunda vez no *Luanda Cartoon*, que nesta sua 8ª edição, entre 5 e 12 de agosto, decorreu novamente no espaço do Centro Cultural Português/Instituto Camões de Luanda e que contou com a presença de 30 artistas angolanos e cinco estrangeiros.

O certame, promovido pelo Estúdio Olindomar com o objetivo de projectar a banda desenhada e descobrir talentos, tem vindo a internacionalizar-se e, nesta edição, participaram a italiana Laura Sassiari, os brasileiros Gabriel Bá e Fábio Moon.

O programa envolveu exposições, em que esteve patente o uso das novas tecnologias na BD, sessões de trabalho com artistas seniores, visitas de estudantes do Ensino Básico e Médio, lançamentos de livros para venda com sessões de autógrafos, de que fizeram parte as revistas de BD *Carteira*, do angolano Carneth Júnior, *Descendentes* do grupo angolano Eclips, *BD LP* – fanzine de vários autores de língua portuguesa, e debates sobre o tema da Banda Desenhada. As sessões de trabalho foram dinamizadas por João Amaral – ‘Uma prancha de BD desde o esboço até à arte final’, por Fábio Moon e Gabriel Bá – ‘irmãos, 10 pãezinhos, uma história’ –, por João Mascarenhas – ‘A edição digital de Banda Desenhada: os novos suportes para leitura’ – e por Laura Sassiari – ‘Técnicas’.

O festival, que teve a sua 1ª edição em 2005 com uma periodicidade trimestral, é coorganizado pelo Estúdio Olindomar e pelo Instituto Camões.

Património de origem portuguesa em Macau

CDepois de Banguecoque e de Jacarta, a exposição ‘O Património Histórico de Origem Portuguesa no Mundo e a Fundação Calouste Gulbenkian’ pôde ser vista pelo público de Macau até 20 de agosto no edifício do Instituto dos Assuntos Cívicos e Municipais (antigo Leal Senado).

A exposição, que terminou em Macau um périplo pelo Extremo Oriente, e que contou com o apoio do Instituto Camões (IC) no quadro do Ano das Comemorações Ásia 2011, mostrou um conjunto de intervenções efetuadas desde 1956 pela Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) na salvaguarda de património artístico e arquitetónico de origem portuguesa espalhado pela África e pela Ásia.

Na inauguração da exposição a 29 de julho num dos ‘locais de maior dignidade da cidade’, no dízer do cônsul-geral de Portugal em Macau, Manuel Carvalho, que presidiu e interveio na cerimónia, participaram membros do governo e da assembleia legislativa da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), diplomatas e membros da comunidade portuguesa.

Estiveram também presentes o Presidente da FCG, Rui Vilar, um antigo governador do Território, então sob administração portuguesa, Carlos Melancia, enquanto presidente do conselho de cura-

dores da Fundação Jorge Álvares, a vice-presidente do IC, Maria Dinah Azevedo Neves, e o diretor do Instituto Português do Oriente (IPOR), Rui Rocha.

Na sua intervenção o cônsul-geral de Portugal afirmou

o local em que o legado construído ao longo desse percurso foi melhor preservado – nomeadamente mediante um notável esforço por parte das autoridades da RAEM».

A exposição, segundo Manuel Carvalho, «pode também dar densidade à noção de plataforma intercontinental que Macau continua a ser, mostrando as afinidades que tem com pontos nos vários continentes».

A mostra comprehende enormes painéis com fotografias e textos relativos a intervenções efetuadas ou patrocinadas ao longo dos anos



Macau Instituto dos Assuntos Cívicos e municipais (Antigo Leal Senado)

que a celebração dos 500 anos da presença dos portugueses na Ásia Oriental assinala o estabelecimento de comunicações regulares diretas entre o Ocidente e o Oriente, ‘‘o que foi um momento de viragem na História da Humanidade’’.

Nesse itinerário, disse, ‘‘Macau teve desde cedo um papel muito especial’’, sendo ‘‘provavelmente

pela FCG, entidade que também é responsável pela edição de uma obra monumental em três volumes (entretanto traduzida para inglês), dirigida pelo historiador José Mattoso, em que é feito um levantamento exaustivo do património português no mundo até ao século XX, entretanto apresentada em Macau’’.

Diretor de Centro Cultural Português agraciado em Cabo Verde

João Laurentino Neves, diretor desde 2003 do Centro Cultural Português/Instituto Camões da Praia, em Cabo Verde, foi agraciado, em julho de 2011, pelo Presidente cabo-verdiano, Pedro Pires, com a 1.ª Classe da Medalha de Mérito, em reconhecimento do seu ‘‘importante’’ contributo para o aprofundamento das relações culturais entre os dois países.

Na cerimónia de entrega da condecoração, em que também foram agraciadas outras personalidades cabo-verdianas, João Neves manifestou a sua ‘‘grande emoção’’ e ‘‘absoluta surpresa’’ pela distinção, que fonte da Presidência cabo-verdiana, citada pela Agência Lusa, disse ser pela primeira vez atribuída por um chefe de Estado cabo-verdiano a um representante do corpo diplomático no setor da Cultura. João Neves desempenha também as funções de adido cultural da embai-

xada de Portugal em Cabo Verde.

Nos 15 anos que leva na promoção da língua e da cultura portuguesas no estrangeiro, com passagens por Moçambique, Timor-Leste e Guiné-Bissau, João Neves disse ter-se empenhado ‘‘no aprofundamento de um verdadeiro diálogo intercultural que incite ao reconhecimento do Outro’’.

Considerou também a distinção ‘‘um reconhecimento a Portugal’’ e disse partilhá-la com os que para ela contribuiram, nomeadamente as instituições portuguesas da cultura e cooperação, ‘‘em especial o Instituto Camões’’, e os chefes de missão e colegas de embaixada.

Evocou igualmente as ‘‘mais de 700 atividades’’ que coordenou no CCP/IC da Praia, envolvendo escritores, músicos, cantores, atores, encenadores, realizadores, bailarinos, fotógrafos, académicos, conferencistas e pensadores

de Portugal e Cabo Verde, países cujas relações culturais atravessam, segundo declarou depois à Lusa, ‘‘um momento muito forte’’.

Ainda à Lusa, João Neves considerou que a medalha reconhece a ‘‘boa estratégia’’ portuguesa e cabo-verdiana no apoio à promoção das relações culturais, fruto de ‘‘um trabalho de equipa’’.

Formado em Línguas e Literaturas Modernas, na vertente de Estudos Portugueses e Ingleses, pela Universidade do Porto, João Neves, de 49 anos, é natural de Aveiro.



Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa

TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt

jlcante@instituto-camoes.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho

COORDENAÇÃO Mário Filipe

COLABORAÇÃO Carlos Lobato

Luanda Cartoon internacionaliza-se

Os portugueses João Amaral e João Mascarenhas participaram pela segunda vez no *Luanda Cartoon*, que nesta sua 8ª edição, entre 5 e 12 de agosto, decorreu novamente no espaço do Centro Cultural Português/ Instituto Camões de Luanda e que contou com a presença de 30 artistas angolanos e cinco estrangeiros.

O certame, promovido pelo Estúdio Olindomar com o objetivo de projectar a banda desenhada e descobrir talentos, tem vindo a internacionalizar-se e, nesta edição, participaram a italiana Laura Sassaroli, os brasileiros Gabriel Bá e Fábio Moon.

O programa envolveu exposições, em que esteve patente o uso das novas tecnologias na BD, sessões de trabalho com artistas seniores, visitas de estudantes do Ensino Básico e Médio, lançamentos de livros para venda com sessões de autógrafos, de que fizeram parte as revistas de BD *Carteira*, do angolano Carnoth Júnior, *Descendentes* do grupo angolano Eclips, *BD LP* – fanzine de vários autores de língua portuguesa, e debates sobre o témário da Banda Desenhada. As sessões de trabalho foram dinamizadas por João Amaral – ‘Uma prancha de BD desde o esboço até à arte final’, por Fábio Moon e Gabriel Bá – ‘irmãos, 10 pãezinhos, uma história’ –, por João Mascarenhas – ‘A edição digital de Banda Desenhada: os novos suportes para leitura’ – e por Laura Sassaroli – ‘Técnicas’.

O festival, que teve a sua 1ª edição em 2005 com uma periodicidade trimestral, é coorganizado pelo Estúdio Olindomar e pelo Instituto Camões.



Senegal Alunos de Português ganham prémios

A língua portuguesa ganhou quatro distinções no chamado *Concours General de 2011* destinado a estudantes dos liceus do Senegal na classe *Première*.

Um primeiro prémio, um segundo prémio e dois *accessit* foram entregues no Grande Teatro Nacional de Dakar a estudantes de língua portuguesa, respetivamente, pelo Presidente da República, Abdoulaye Wade, pelo primeiro-ministro Souleymane Ndéné Ndiaye, e por membros do governo.

Os alunos premiados são estudantes do Liceu Seydina Limamoulaie e do Liceu Diourbel.

O primeiro é um dos estabelecimentos de ensino mais importantes de Dakar, com uma frequência de cerca de 5.000 alunos, onde a língua portuguesa está bem implantada.

O segundo situa-se numa cidade do interior do país, Dourbiel, e tem como curiosidade o facto da língua portuguesa ter sido a única disciplina em que os alunos deste liceu foram contemplados e de o prémio ter sido ganho por uma rapariga. Este prémio ilustra também a expansão crescente do ensino da língua portuguesa no Senegal, que não se limita às grandes

Teatro nos leitorados Laboratórios de língua portuguesa

Nem todos seguem as mesmas vias, uns escolhem textos das dramaturgias nacionais dos países de origem, outros de autores de língua portuguesa e há ainda os que optam por elaborar o seu próprio texto dramatúrgico, de raiz ou adaptado. Mas leitores e docentes responsáveis pelos grupos de teatro dos leitorados do Instituto Camões, que até 29 de julho apresentam espetáculos em português, na Fábrica da Pólvora, em Oeiras, não se cansam de sublinhar de várias formas como o teatro é muito eficaz no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

«Na minha atividade de leitora desde há 12 anos, os dois grupos de teatro que fundei são os dois projetos que mais sucesso tiveram e têm, tanto a nível da aprendizagem da língua, como da difusão das culturas de língua portuguesa», diz Beatriz Medeiros da Silva, criadora dos grupos Os Quasilusos, em Friburgo, e Lusotáqua, em Colónia, que atualmente dirige. Em 2005, esta leitora registava que, «desde que surgiram Os Quasilusos, o número de alunos dos cursos de Português Língua Estrangeira aumentou imenso. Muitos vão para as aulas porque querem participar no grupo de teatro».

Elisa Tavares, que dirige agora Os Quasilusos, afirma que «dada a oferta algo reduzida de cursos na área do Português, o grupo de teatro tem tido um papel fundamental na aprendizagem da língua, combinando o lazer e a aprendizagem». E considera ainda que, com o teatro, «os estudantes têm assim a oportunidade de colmatar os seus défices linguísticos».

«O funcionamento e a existência dos grupos teatrais universitários é um bom método de aprender coisas que nos trazem benefícios a longo prazo – autoconhecimento e progresso pessoal – e é também um conceito original e atraente de promoção da língua portuguesa», diz, por seu lado, Irina Radu, estudante de Português da Universidade de Bucareste, membro do recém-criado grupo de teatro Fantasia.

Um pouco diferente é a explicação de João Mendonça João, leitor e animador do grupo Burlesco e Fresco, da Universidade Estatal de Moscovo. «A atividade dramatúrgica constitui de alguma forma um espaço privilegiado de realização da performance comunicativa, com os gestos e os modos inerentes à própria língua e suas idiossincrasias». Sublinha, no entanto, a especificidade do caso russo. O teatro, diz, «é uma

das práticas culturais dos russos». «Existem em Moscovo mais de 40 teatros, e cada estreia de uma peça regista casa cheia. Neste país é mais do que natural o teatro integrar o conjunto de práticas pedagógicas inerentes à aprendizagem de uma língua viva».

Para José Carlos Costa Dias, docente na Universidade de Varsóvia e responsável pelo grupo Piscá-Piscá, o teatro, ao mesmo tempo que desenvolve a «sensibilidade estética», permite «a aprendizagem da língua portuguesa numa situação informal

No caso dos grupos que Beatriz de Medeiros Silva dirigiu e dirige é feito um glossário e sinopses das cenas para o programa que é oferecido aos espectadores. E como praticam «verdadeiramente o que é idealizado pelo conceito de lusofonia», trabalham «com todas as variantes [de português] e com textos de praticamente todos os países de língua portuguesa».

«Servimo-nos do que mais nos emociona nas culturas de língua portuguesa, incluindo música, literatura oral», afirma a leitora, evocando, como exemplo, a emoção sentida por um jornalista guineense da *Deutsche Welle* quando assistiu à peça *Orações de Mansata*, de Abdulai Sila, apresentada pelo Lusotáqua, pela «adaptação e assimilação do crioulo» feita no espetáculo.

Para Clara Riso, leitora do IC em Budapeste responsável pelo grupo Teatro do Rei Rudolfo, ausente este ano do encontro de Oeiras, as potencialidades do teatro para aprendizagem da língua decorrem de «o ator ter de saber o que diz e ao sabê-lo conhecer a grande plasticidade da língua, as suas numerosas possibilidades, as suas comprometedoras implicações». O ator, acrescenta, «entra nas zonas da língua que não estão nos manuais nem nas gramáticas – entra na língua falada, que tem efeitos, é real e com densidade de gente que não é só de papel».

No Teatro do Rei Rudolfo, isso é feito escolhendo «sempre peças húngaras que traduzimos e adaptamos para português e ao fazê-lo passamos por valências específicas do texto – sejam expressões idiomáticas, seja o recurso a metáforas, ao humor, à ironia, aos segundos sentidos – que assim têm de ser vistas e resolvidas uma a uma, com tempo e atenção. No texto de teatro chegamos a lugares da língua por onde não se passa numa aula, nem na leitura e análise de um romance. É este tipo de experiência que nos é dado apenas pelo texto para teatro,



e num ambiente bem-disposto», que atenua «os constrangimentos que sente quem começa a falar uma língua estrangeira». Mas não só. Além de se aprender o/com o texto da peça, «a língua portuguesa é também a língua de trabalho dos encontros», lembra. «É em português que os estudantes têm de discutir e tomar decisões acerca da encenação, o que traz grandes benefícios em termos de fluência e de planeamento do discurso», explica.

A LÍNGUA QUE NÃO ESTÁ NOS MANUAIS

É neste contexto que, tanto Beatriz de Medeiros Silva como Elisa Tavares, classificam o que fazem como «um laboratório de línguas». Nesse laboratório, os estudantes de português «podem testar e aperfeiçoar os seus conhecimentos de maneira descontraída durante todo um semestre», sintetiza a leitora de Friburgo. Para a sua colega de Colónia, aprender uma língua sem estar imerso é uma «situação artificial», pelo que «todas as possibilidades de os estudantes usarem o português em situações não artificiais são sempre muito produtivas».



Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlenarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato